

Em Casa – 1963-1998 (Parte I)

BETTY CALDWELL

Delinear as características

Uma construção metafórica era inevitável para efectuar uma retrospectiva informal do inventário H.O.M.E.. Definir um instrumento de avaliação da qualidade do ambiente da casa não é diferente da construção de uma casa e, ou da conversão desta casa num «lar» com as suas características de vida. Assim foi com o inventário H.O.M.E. (simplesmente abreviado HOME).

Dentro desta construção metafórica, correndo o risco de não parecer modesto, gostaria de ser identificada como o arquitecto do HOME. E, num estilo que caracterizou toda a minha carreira de investigação, não sabia qual era o primeiro passo para «construir» um instrumento de avaliação. Mas, como mais ninguém nos últimos 60 anos pareceu possuir a competência ou o interesse para tentar desenvolver uma medida de avaliação para o ambiente da casa, a minha falta de treino para um tal trabalho não seria o maior obstáculo. Assim há 35 anos, quando eu estava mesmo a iniciar a minha carreira de investigação na área geral das influências ambientais sobre a aprendizagem e o desenvolvimento precoces em Syracuse e Nova York, comecei (sempre com muita ajuda) a delinear as características.

A maioria das pessoas, e eu pessoalmente, associamos o projecto Syracuse com as necessidades diárias das crianças. Assim, o exemplo das influências ambientais com as quais estávamos inicialmente interessados, eram aquelas que existiam na família (Caldwell & Hersher, 1964). O programa das necessidades da criança só foi acrescentado ao modelo de investigação depois de termos observado, na nossa amostra longitudinal, o baixo rendimento das crianças, a perturbação com a mudança da idade dos resultados mais fracos dos testes progressivos (Caldwell & Richmond, 1964) e termos lido sobre os problemas e limites do desespero das famílias pobres (Wortis, 1963; Pavenstedt, 1965).

Pareceu-nos essencial tentar definir um ambiente afectivo alternativo no qual os lactentes poderiam despende algum do seu tempo e receber aí algumas influências ambientais positivas que faltavam nos seus ambientes caseiros. O projecto Syracuse foi meramente

um programa clínico. Assim parece ter sido suficientemente simples para definir as inferências da literatura existente sobre o programa no qual as famílias participantes foram e a base de serviços destas mesmas. Todavia, o nosso projecto era de pesquisa e precisávamos de uma medida do ambiente no qual os números pudessem ser introduzidos nos cálculos científicos. Naquela altura, as maiores aproximações que existiam, dependiam de indicadores de qualidade – por exemplo, a educação e os rendimentos. Um instrumento de observação consistia, primeiramente, nos indicadores próximos da qualidade do ambiente da casa. Estes não existiam, assim tivemos de desenvolver alguns. Desta forma, tínhamos delineado as características do HOME original.

O conceito do estatuto socio-económico, ou SES (Warner, Meeker, & Eells, 1949) foi umas das estimativas da qualidade do ambiente da casa disponível aos pesquisadores. Existia já uma extensa literatura sobre as atitudes dos pais e o funcionamento social e académico das crianças consoante as classes (ver Bronfenbrenner, 1958). O SES, identificado como uma combinação entre a educação paterna (ironicamente, nos dias de hoje, ignora-se a educação materna), ocupação, rendimentos e lugar da residência, forneceu uma medida adequada e conclusiva, mas não actual, do ambiente. Estou interessada numa medida actual do ambiente do lar feito «in loco».

Comecei por delinear uma característica de cada vez, e queria saber como iniciar, assim li a literatura existente (Caldwell, 1964). Muitos dos extensivos estudos tinham a ver com a associação entre os diferentes de atitudes dos pais com as consequências nas crianças (por exemplo, Sears, Maccoby, & Levin, 1957), e muitos outros mais com crianças mais velhas – idade pré-escolar «para cima» – do que com lactentes. A investigação dos lactentes não se tornou ainda popular. De acordo com esta pesquisa como sendo a base de itens possíveis induzidos no Inventário, também usei extensivamente uma lógica conclusiva, ou seja, assumi os isomorfismos entre a atitude e a conduta, e estas associações válidas para os pré-escolares também são relevantes para os lactentes. Desta pesquisa exaustiva, identifiquei 8 princípios (mais tarde 12) que

pareciam estar associados com um desenvolvimento mais favorável nas crianças.

Apesar de terem sido articulados há 35 anos atrás, ainda continuam válidos. É importante apresentá-los aqui de forma abreviada porque são importantes na preparação dos itens e oferecem um aspecto racional para os nossos conceitos de adequação ambiental:

O desenvolvimento de uma criança é favorecido e encorajada por:

- A forte frequência de um contacto com os adultos.
- A provisão de um ambiente de aprendizagem social que seja simultaneamente estimulador e responsivo.
- Um óptimo nível de gratificação.
- Um ambiente que contenha um número mínimo de restrições quando da exploração (outros feedback experimentais).
- A provisão de experiências culturais ricas e variadas.
- Um ambiente físico que contenha informações sensoriais moldadas e variadas.
- O acesso a brinquedos e materiais adequados.

Estes princípios foram as «marcas» que utilizamos na preparação das características do HOME. Fazem referência aos nossos esforços iniciais assim como ao STIM (para o Inventário HOME *Stimulation*). Existem ainda cinco regras para a construção de itens:

- O item tem de conter um ou mais princípios de desenvolvimento.
- O item tem de ser específico na medida em que permite resultados binários; não poderia haver níveis de 5 ou 7 pontos.
- Sempre que possível, o item deveria estar baseado na observação e não na entrevista.
- A informação deveria ser obtida através de uma visita à casa.
- Todos os itens deveriam ser escritos de forma a que o procedimento seja considerado favorável ao desenvolvimento.

Em retrospectiva, estes pontos são regras essenciais. Ao longo dos anos, os investigadores acrescentaram à avaliação das escalas «pouco», «algum», «muito». Assim, estas regras resultaram numa avaliação da estrutura que é fácil de aprender, de administrar e interpretar.

O conjunto de 300 itens foi criado e reduzido via análise de itens (correlação de itens individuais com o resultado final) e por aquilo a que chamo de «análise do factor social» – alguém disse num congresso, «não gosto

deste item porque não é claro», causa-me ansiedade, os pais acham-no intrusivo, etc.»

Na base deste trabalho inicial, a versão do item 73 do Inventário foi introduzida num simpósio em 1966 na Associação Psicológica Americana (Caldwell, Heider & Kaplan, 1966). Nesta perspectiva, a base foi, sob confiança da inter-observação (94,6%) e nas diferenças do SES, apresentada numa amostra tão pequena (51% classe baixa e 24% classe média) e, casualmente ligadas, de modo a que o seu papel não seria, hoje em dia, provavelmente aceite pelo comité do programa APA! Como prevíamos, a classe média das residências recebeu o mais alto resultado, mas variavelmente foi, significativamente, maior nas classes baixas. Existe também uma elevada correlação (87) entre os resultados STIM e a magnitude de uma troca positiva nos resultados dos testes de inteligência infantil Catell de idade compreendida entre os 6 e os 12 meses – o tempo intermédio que nos falta foi extremamente sensível desde o ponto de partida do desenvolvimento adaptativo ou inibitório.

Depois desta apresentação, os nossos esforços para medir o ambiente da residência foram dirigidos neste sentido. No mesmo simpósio, apresentamos também uma base de eficiência do nosso programa sobre as necessidades diárias do lactente para prevenir um declínio nos resultados do teste de desenvolvimento – a apresentação pensada, inicialmente, captaria a nossa atenção. Mas o mundo da ciência behaviorista não estava ainda preparado a prestar muita atenção à intervenção neste momento; contudo muita gente, como Hunt (1961) o dissera, estava convencida de que a inteligência era, em última análise, geneticamente determinada. No entanto, e parecendo ser um paradoxo, estava pronto a medir o ambiente, e centenas de cópias deste manuscrito foram requeridas e distribuídas.

A construção

Não muito tempo depois deste acontecimento – comum a jovens mulheres profissionais da minha geração – este requereu a localização da estrutura planeada num lugar diferente. O meu marido foi colocado na Universidade do Arkansas, nas Ciências Médicas (ironicamente, o exacto lugar onde eu comecei a minha carreira profissional) e eu, mudei-me para o Little Rock. Desde o ponto de partida da solidez e estabilidade da estrutura HOME que eventualmente seria construída, a mudança não poderia ter sido mais frutífera. Em 1974, veio um jovem psicólogo da Universidade da Carolina do Norte – Robert H. Bradley.

Com a minha construção metafórica, alguém poderia dizer que Bob era o contratante da HOME ou talvez um

engenheiro de construção. Ele viu que as estruturas metodológicas essenciais estavam correctas e que tudo o que tinha sido feito estava bem. De todas as coisas excitantes provenientes do nosso projecto Kramer (Elardo & Caldwell, 1974) até hoje – um público escolar combina educação e necessidades das crianças entre os 6 meses e os 12 anos – Bob escolheu sabiamente juntar os esforços para re-estandardizar e abreviar STIM Syracuse. Naquela altura, tornei-me sensível ao estigma profissional e social associado à palavra estimulação, assim, imagens de crianças empurradas para aumentar um desenvolvimento cognitivo para a expansão do desenvolvimento social e emocional, e um novo acrónimo, HOME, surgiu sendo o nome do processo. Assim, não foi somente construído de forma diferente, mas também teve um nome diferente na caixa de correio.

1.º andar

Logicamente, uma construção começa com o primeiro andar – o período do lactente e da criança jovem. O projecto Syracuse foi orientado para a interacção entre a família e as experiências das necessidades das crianças, bem como o desenvolvimento destas durante os três primeiros anos de vida. Assim, é perfeitamente lógico que a primeira distinção do processo comece com este período. Quando começamos a aperfeiçoar e a melhorar a antiga versão do Inventário Syracuse aquando do período de construção, tivemos um excelente grupo de trabalho que efectuou as visitas, fez recomendações sobre a maneira de conduzir as entrevistas, obrigou-me a ser mais específica nalguns itens («Uma tartaruga conta como um animal de estimação?», «E o que dizer de um grilo num jarro?») e a escrever um livro mais detalhado. Então Bob Bradley encaminhou toda esta nova informação directamente para uma análise estatística respeitável. O resultado foi a construção de uma forma reduzida do instrumento e que continha apenas 45 itens facilmente administrados durante uma hora. Um livro respeitável foi escrito em 1979, depois revisto e completado (Caldwell e Bradley, 1984) e distribuído gratuitamente a quem pedia uma cópia. Distribuimo-lo em dois formatos – uma versão curta à qual nos referimos como o Livro e uma versão mais longa chamada o *Monógrafo*. O Livro oferece uma breve abordagem aos itens e fornece informações sobre a sua administração; o *Monógrafo* contém detalhes sobre a estandardização e um breve sumário de algumas pesquisas já efectuadas.

A estandardização, inteiramente baseada nas famílias do Little Rock (uma condição que provavelmente não seria aceite hoje), utilizou a análise de factores para identificar os itens mais usuais e, com base nos factores de

peso, agrupou os itens em sub-escolas. Demonstramos que, com um mínimo de treino formal, podíamos chegar a um nível de 90% de acordo com o código principal. As estabilidades internas (KR-20) foram classificadas desde o n.º 44 até 89 para as escalas individuais e 89 para o resultado final (Elardo, Bradley, & Caldwell, 1975).

As seis sub-escalas que emergiam da análise de factores, tiveram vários nomes ao longo dos anos mas conservaram a mesma identidade conceptual: sensibilidade e responsabilidade, aceitação, organização, materiais de aprendizagem, dificuldades e variedade. Com base no trabalho de um quarto de século, pode-se reivindicar isto como o mínimo destas qualidades vistas como as áreas contempladas do Inventário vitais para um suporte do ambiente de casa. Isto nasceu dos nossos próprios estudos. Por exemplo, cedo mostramos que as correlações entre os resultados do HOME e os resultados dos testes de desenvolvimento da criança dos 6 aos 30 meses foram mais elevados do que as correlações baseadas inteiramente na performance da criança do mesmo período (Elardo, Bradley, & Caldwell, 1975). Bradley e Caldwell (1977) usaram funções discriminadas baseadas nas escolas do HOME aos 6 meses para prever quais eram as crianças que tinham resultados abaixo de 70% (com três anos de idade). Este estudo fortificou a nossa convicção de que a avaliação do ambiente da casa é essencial a qualquer programa de selecção para o período de desenvolvimento. Uma análise do painel sugeriu que o envolvimento materno e a provisão de brinquedos estavam de mais perto associados com o funcionamento da criança no período de 6 a 12 meses, e estes níveis elevados do envolvimento materno eram mais influenciáveis no período dos 12 aos 24 meses (Bradley, Caldwell, & Elardo, 1979).

A acção social não foi contemplada neste primeiro estudo. Utilizando a forma da base do Registo de Acção Infantil das Escolas Bayley, Bradley & Caldwell (1981) encontraram associações significativas entre um ou outro da escola Bayley e quatro das seus sub-categorias de HOME. Isto foi examinado e um esforço foi feito para determinar quando é que o carácter específico do envolvimento parecia ter uma influência maior no desenvolvimento.

Este estudo, e as instituições dos nossos visitantes de que o HOME «não funcionou tão bem» com as famílias dos bebés de seis meses, conduziram-nos à opinião de que o instrumento tornou-se mais usual nos lactentes de 9-10 meses e mais. A menos que o instrumento seja utilizado também para objecto de pesquisas (onde a idade dos sujeitos pode ser pré-determinada) ou outra coisa que ajude a identificar o alto risco das famílias que necessitam da intervenção dos serviços, nós recomendamos habitualmente que o Inventário seja utilizado

na última parte da primeira idade como sendo o momento ideal.

Andares superiores

Toda a anterior construção ocorreu no primeiro andar – o HOME no lactente / na criança jovem. Muita da atenção nacional e internacional que o nosso procedimento recebeu, reflectiu indubitavelmente o facto da pesquisa infantil estar mesmo a «entrar na moda» nesse momento. O facto do HOME oferecer um meio suplementar sem medidas protocolares trazendo um ambiente para o projecto, assegurou o seu lugar em muitos estudos. Nos dias anteriores, uma forma lactente / criança mais velha era tudo o que necessitávamos. Mas uma vez que a minha mudança foi para Little Rock e a continuidade do desenvolvimento desde a infância até aos anos elementares tornou-se o foco da nossa agenda de pesquisa local e nacional, outras formas eram necessárias. Em 1977, começamos a trabalhar numa versão mais adequada à idade pré-escolar, agora intitulada o HOME da infância avançada (Bradley & Caldwell, 1979), e um pouco mais tarde começamos a definir e testar itens de uma versão para as famílias das crianças elementares (Bradley, Caldwell, Rock, Hamrick, & Harris, 1988), agora intitulada o HOME da média infância. Então, como o Inventário foi largamente utilizado nas pesquisas e nos serviços clínicos das crianças com incapacidades, um novo procedimento – de origem ortogonal de várias origens – foi especificamente desenvolvido para uma actualização na análise do ambiente da casa das crianças com uma variedade de incapacidades (Bradley, et al., 1992). O desenvolvimento desta versão requiriu um repensar do item principal e obrigou-nos a negociar, de qualquer forma, com a saída dos óptimos dados parentais de uma criança com alguma incapacidade (por exemplo, cegueira, surdez). Estes dados deveriam ser idênticos aos que são oferecidos a uma criança sem incapacidades.

O trabalho tomou outro rumo porque o Bob Bradley assumiu o maior papel, numa versão para as famílias de adolescentes (Bradley, et al., 1998). Cada uma das versões para além do nível lactente / criança mais velha, requiriu aumento da criatividade na construção do item, tal como o mundo do desenvolvimento da criança alarga-se constantemente e move-se para fora do círculo íntimo ou das influências da família. No entanto, estas famílias e as variáveis da casa nunca perderam completamente a sua importância, e, como a avaliação das influências experimentais é desejável, eles continuarão a precisar de ser incluídos nas medidas do ambiente.

Nas construções destes andares superiores, muitos dos aspectos que eu avaliei no trabalho original tiveram de

ser sacrificados – a confiar na observação do que na entrevista. A minha aversão às entrevistas, com todas as oportunidades que elas fornecem para dissimular, não diminui ao longo dos anos; nem a minha convicção de que a observação directa é a melhor maneira de aprender alguma coisa. Mas tive de ceder à lógica de que o mundo dos pré-escolares e das crianças do elementar alargou tanto na infância que, no sentido de aprender se o ambiente da casa foi fortalecido ou inibido, tivemos de fazer algumas perguntas!

É suficiente dizer sobre estas recentes estruturas da fundação HOME que elas têm características psicométricas similares às da versão lactente / criança mais velha e que elas têm a capacidade de jogar um papel importante na pesquisa de organismo / ambiente e dos serviços clínicos. O seu mais relativo pequeno uso por parte de outros investigadores é provavelmente mais uma função da pesada importância na investigação infantil nas ciências behavioristas durante as passadas duas décadas do que é para qualquer versão lactente / criança mais velha inerente e superior.

Casa aberta

Não demorou muito até os amigos fazerem uma visita. Apesar de haver muitos nomes no livro dos convidados que poderiam ser citados, só alguns merecem aqui uma referência. Estes tinham um maior papel no informar de vários grupos profissionais com a utilidade do HOME e por isso ajudaram a obter uma sólida aceitação da importância, igualmente necessário, da avaliação do ambiente. E, através do seu endosso e defesa, ajudaram a estabelecer o HOME enquanto modelo de ouro contra qualquer outra medida do ambiente da casa avaliada.

O primeiro destes amigos era Joaquin Cravioto, Professor de Pediatria na secção da pesquisa científica do Hospital de Crianças da cidade do México. Quando eu me encontrei com o Dr. Cravioto (por volta 1968), ele já era uma figura importante no trabalho internacional de pesquisa (conduzido principalmente nos países desenvolvidos) que tem a ver com a relação entre má nutrição e desenvolvimento cognitivo. Durante mais de uma década, Cravioto e muitos outros tinham publicado (Cravioto, 1965; Scrimshaw & Gordon, 1968) e documentado uma forte associação entre má-nutrição e insuficiência do funcionamento mental. Contudo, para uma grande extensão desta pesquisa tinha também sido contemplado ou simplesmente descuidado o facto a má nutrição estar relacionada com a pobreza e desta pobreza ter um significativo impedimento para um óptimo crescimento mental. Apesar de eu não poder estar absolutamente certa da maneira de fazer e com quem esta variação

metodológica estava identificada, na minha própria experiência o benefício vai para Steve Richardson, que nessa altura era Director da Associação de Ajuda às Crianças Deficientes (hoje, Fundação para o Desenvolvimento da Criança) (ver Richardson, 1972). Como membro da equipa de visita do sítio e revendo a proposta do grupo do Dr. Cravioto, interrogaram-me sobre o que eu pensava sobre o impacto do estímulo social e emocional recebido pelas crianças do estudo e se este poderia ser construído dentro do projecto. Quase apologeticamente eu mencionei o STIM (que ainda não mudou de nome), acrescentando que este não estava muito bem estandardizado e que, se estivesse, não estaria provavelmente apropriado culturalmente à aldeia mexicana do Tlaltizapan. Ultrapassando as minhas precauções, Cravioto tomou uma velha cópia do item 73 da versão de Syracuse, e traduziu-a à sua maneira para o espanhol. Os seus assistentes administraram-na nas famílias de 300 crianças que tinham seis meses de idade. Nessa altura, só uma criança do grupo desenvolveu uma má nutrição clínica. Aos 36 meses de idade, foram diagnosticados má nutrição clínica a 22 crianças, um olhar retrospectivo revelou que com 6 meses as famílias, e comparando com os resultados de outro grupo, tinham resultados significativamente baixos (Cravioto e DeLicardie, 1972). Repetindo o procedimento do STIM a 6 meses de intervalo durante os 3 primeiros anos de vida das crianças, Cravioto e os seus assistentes provaram também que o estímulo da casa era um factor decisivo na recuperação da má nutrição. Uma implicação do seu trabalho foi de que a identificação dos ambientes de casa insustentáveis podiam originar uma melhor maneira para prevenir a má nutrição grave do que esperar meramente por um diagnóstico clínico e depois pelo tratamento.

Este endosso precoce de Cravioto deu ao HOME uma legitimidade quase instantânea que provavelmente não poderia ter sido arquivada de uma outra maneira numa década ou mais. Cada vez que Cravioto ou alguns dos seus colegas falavam numa conferência internacional, pedidos para permitir a obtenção de uma cópia a traduzir para outra língua foram requeridos. Por isso, muito projectos de nutrição e desenvolvimento mental tentaram controlar o ambiente das famílias nas suas intenções. A aceitação do HOME como um procedimento ideal para arquivar trouxe-me convites interessantes para falar em conferências internacionais, que aceitei espontaneamente e com frenesim. Li sobre nutrição e desenvolvimento! Não há dúvida de que Joaquin Cravioto lançou a exportação do HOME e ajudou à sua credibilidade num mercado de investigação internacional. Cada um estaria feliz de fazer uma tal visita a este sítio e ter um agente tão distinto! Mas, mais importante do que o bem que este encontro fez ao HOME foi o facto de ajudar a estabele-

cer a importância do controlo do ambiente familiar aquando do estudo sobre a má nutrição.

A segunda pessoa que foi chamada foi a iminente enfermeira e investigadora, Dr.^a Kathryn Barnard da Universidade de Washington em Seattle. Numa larga escala do projecto de investigação longitudinal com famílias predominantemente de classe média, Barnard e os seus colegas (por exemplo Helen Bee, Carol Gray, Mary Hammond, Sandra Mitchell e outros) desenvolveram uma bateria avaliativa orientada no início para a infância e que utilizava a observação nas micro-unidades do comportamento materno durante a alimentação e o ensino / aprendizagem. Quando começaram a considerar a tentativa do desenvolvimento de uma medida do ambiente de casa que incluía algumas macro-unidades da conduta materna e de experiência visto como micro-unidade, Kathy aprendeu sobre o STIM, o qual no processo foi convertido para o HOME. Com autorização, o grupo de Seattle começou a usar o HOME nos seus principais estudos sobre desenvolvimento de baixo risco e amostras sãs (Barnard e Gortner, 1977). Acrescentaram-nos aos seus conjuntos de instrumentos abreviados por NCAST (Nursing Child Assessment Technique).

No decorrer das suas próprias pesquisas, eles produziram uma base significativa atestada na importância em avaliar o ambiente da casa numa pesquisa longitudinal ligada aos múltiplos meios do desenvolvimento da criança. Por exemplo, eles contam que o HOME mede a avaliação dos meios de alimentação e do ensino / aprendizagem e, mostra que as mães com os mais elevados resultados eram mais calmas quando tentavam ensinar uma nova habilidade aos seus filhos e elas concordavam mais com as sugestões dos seus filhos sobre a alimentação. Contudo concluíram que, apesar de haver uma correlação entre a escala da alimentação e o HOME, cada um provinha de bastantes informações específicas que nenhum outro tipo poderia ser abandonado.

A pesquisa do grupo de Seattle trouxe uma contribuição importante para o campo do desenvolvimento da criança. Contudo, desta narrativa o mais importante a saber é o que a contribuição do endosso do grupo de Barnard significa para o crescimento / alargamento dos conceitos sobre os quais o HOME está baseado. Isto introduz o HOME inteiramente numa nova audiência – enfermeiras – e este é o grupo que mais fez para o uso clínico deste instrumento. Alguns relatos de enfermeiras (por exemplo, Krajicek & Tomlinson, 1983; Culberston & Willis, 1993) introduzem o HOME e realçam como é importante a sua utilização como parte da aproximação compreensiva para perceber a saúde e as necessidades de desenvolvimento e os bens dos clientes de pediatria. (Com este grupo aprendi a chamar ao HOME um «instrumento»). Não há dúvida de que a exportação do HOME

para fora dos limites das nossas investigações trouxe muitas vantagens. Mais uma vez, estamos gratos por esta ajuda.

Bibliografia

- Barnard, K., & Gortner, S. (1977). *Child Health Assessment, Part Two – Results of the first twelve months of life*. U.S. Department of Health, Education, & Welfare, Public Health Services, Health Resources Administration, Bureau of Health Resources Development, Division of Nursing.
- Bradley, R.H., & Caldwell, B.M. (1977). Home observation for measurement of the environment: A validation study of screening efficiency. *American Journal of Mental Deficiency*, 81, 417-420.
- Bradley, R.H., & Caldwell, B.M. (1979). Home observation for measurement of the environment: A revision of the preschool scale. *American Journal of Mental Deficiency*, 84, 235-244.
- Bradley, R.H., & Caldwell, B.M. (1981). Home environment, cognitive processes and intelligence: A path analysis. In M. Friedman, J. Das, & N. O'Connor (Eds.), *Intelligence and learning*. New York: Plenum.
- Bradley, R.H., & Caldwell, B.M. (1982). The consistency of the home environment and its relation to child development. *International Journal of Behavioral Development*, 5, 445-465.
- Bradley, R.H., Caldwell, B.M., Rocks, S.L., Hamrick, H.H., & Harris, P. (1988). Home Observation for Measurement of the Environment. Development of a home inventory for use with families having children 6 to 10 years old. *Contemporary Educational Psychology*, 13, 58-71.
- Bradley, R.H., Caldwell, B.M., Brisby, J., Magee, M., Whiteside, L., & Rock, S.L. (1989). The HOME Inventory: A new scale for families of pre- and early adolescent children with disabilities. *Research in Developmental Disabilities*, 13, 313-333.
- Bradley, R.H., Corwyn, R.F., Whiteside-Mansell, L., Caldwell, B.M., Wasserman, G.A., Walker, T.B., and Mink, I.T. (1998). Measuring the home environments of children in early adolescence. Unpublished Manuscript, University of Arkansas at Little Rock.
- Bronfenbrenner, U. (1958). Socialization and social class through time and space. In E. E. Maccoby, T.H. Newcomb, & E.L. Hartley (Eds.), *Readings in social psychology*, pp. 400-425.
- Caldwell, B.M. (1964). The effects of infant care. In M.L. & L.W. Hoffman (Eds.), *Review of child development research, Vol. 1* (pp. 9-87). New York: Russell Sage Foundation.
- Caldwell, B.M. (1997). Commentary: Development of a supplement to the HOME Scale for children living in impoverished urban environments. *Journal of Developmental and Behavioral Pediatrics*, 18 (No. 5), 329-330.
- Caldwell, B.M., & Hersher, L. (1964). Mother-infant interaction during the first year of life. *Merrill-Palmer Quarterly*, 10, 119-128.
- Caldwell, B.M., & Richmond, J.B. (1964). Programmed day care for the very young child – a preliminary report. *Journal of Marriage and the Family*, 26, 481-488.
- Caldwell, B.M., Heider, J., and Kaplan, B. (1966). The Inventory of Home Stimulation. Paper presented at the meeting of the American Psychological Association, New York.
- Caldwell, B.M., & Bradley, R.H. (1984). *Home Observation for Measurement of the Environment*. Little Rock, AR: University of Arkansas at Little Rock.
- Casey, P.H., Bradley, R.H., & Wortham, B. (1984). Social and non-social home environments of children with non-organic failure-to-thrive. *Pediatrics*, 73, 348-353.
- Casey, P.H., Bradley, R.H., Nelson, J.Y., & Whaley, S.A. (1988). The clinical assessment of a child's social and physical environment during health visits. *Journal of Development and Behavioral Pediatrics*, 9, 333-338.
- Cravioto, J., & DeLicardie, E.R. (1972). Environmental correlates of severe clinical malnutrition and language development in survivors from Kwashiorkor or amarsmus. In *Nutrition: The Nervous System and Behavior*. Washington, D.C.: Pan American Health Organization, Scientific Publication No. 251.
- Cravioto, J., & DeLicardie, E.R. (1986). Microenvironmental factors in severe protein-calorie malnutrition. In N. Scrimshaw & M. Behar (Eds.), *Nutrition and agricultural development* (pp. 25-36). New York: Plenum.
- Culbertson, J.L., & Willis, D.J. (1993). *Testing young children*. Austin, TX: Pro-Ed.
- Daniels, D., Plomin, R., and Greenhaugh, J. (1984). Correlates of difficult temperament in infancy. *Child development*, 55, 1184-1194.
- DiLalla, L., & Molfese, V. (1992). Home environment and perinatal risk factors as predictors of preschool IQ. International Society for Infant Studies, Miami.
- Elardo, P.T., & Caldwell, B.M. (1974). The Kramer adventure: A school for the future. *Childhood Education*, 50, 143-152.
- Elardo, R., Bradley, R.H., & Caldwell, B.M. (1975). The relation of infants' home environments to mental test performance from six to thirty-six months: A longitudinal analysis. *Child Development*, 46, 71-76.
- Ertems, I.O., Forsyth, B.W.C., Avni-Singer, A.J., Damour, L.K., Cicchetti, D.V. (1997). Development of a supplement to the HOME Scale for children living in impoverished urban environment. *Journal of Developmental and Behavioral Pediatrics*, 18, 322-328.
- Hunt, J. McV. (1961). *Intelligence and experience*. New York: Ronald Press.
- Krajicek, M., & Tomlinson, A.I. (1983). *Detection of developmental problems in children*. Baltimore: University Press.
- Moos, R.H. (1974). *Family Environment Scale*. Palo Alto, CA: Consulting Psychologists Press.
- NICHD Early Child Care Network (1996). Characteristics of infant child care: factors contributing to positive caregiving. *Early Childhood Research Quarterly*, 11, 269-306.
- Pavenstedt, E. (1965). A comparison of the child-rearing environment of upper-lower and very low-lower class families. *American Journal of Orthopsychiatry*, 35: 89-98.
- Richardson, S.A. (1972). Ecology of malnutrition: Nonnutritional factors influencing intellectual and behavioral development. In *Nutrition, the nervous system, and behavior* (p. 101). Washington, D.C.: Pan American Health Organization.
- Scrimshaw, N.S. & Gordon, J.E. (Eds.). (1968). *Malnutrition, learning and behavior*. Cambridge, MA: M.I.T. Press.
- Sears, R.R., Maccoby, E., & Levin, H. (1957). *Patterns of child rearing*. Evanston, IL: Row Peterson.
- Warner, W.L., Meeker, M., & Eells, K. (1949). *Social class in America*. Chicago: Science Research Associates.
- Wortis, H. (1963). Child-rearing practices in a low socioeconomic group. *Pediatrics*, 32, 298-307.